



O Ex.<sup>mo</sup> S<sup>nr.</sup> Dr. Josué Trocado, distincto regente do «Orpheon Povoense»

(Cliché de José Netto)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo co- brador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$400
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60

# Frigideiras e Restaurante

---

## Casa do Cantinho

---



Largo de S. João do Souto

---

---

**BRAGA**

---

---

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 24 de julho de 1915

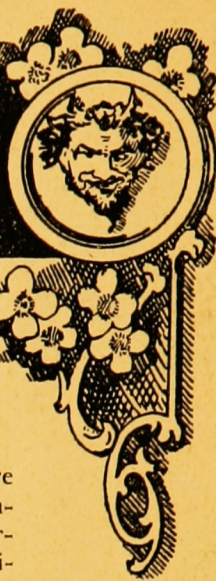
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 108—Anno III



BRAGA—Egreja de Santa Cruz e aformoseamento do Largo onde foi colocado o chafariz do Campo Conde d'Agrolongo

# Chronica da Semana



## DO PANTHEON A LISBOA...

AS cinzas de Rouget de Lisle acabam de entrar no Pantheon. E' a consagração official do auctor, depois da consagração official da sua obra: a *Marselheza*. A França paga assim uma divida de gratidão ao musico e poeta que compoz o hymno empolgante e sugestionador dos heroes da epopeia napoleonica.

A Republica tributa a sua homenagem ao homem que porventura mais contribuiu para a conquista da alma franceza em seu favor.

Vibra no cantico de Rouget de Lisle o grande e forte *élan* da alma franceza, a sua audacia temeraria que fez dizer ha dias a um general prussiano que os *poilus* que se atiravam de encontro ás trincheiras do Labyrintho, ao norte de Arras, são os descendentes legitimos dos *grogards* da Velha Guarda; aquelle desprendimento da vida que nós vemos erguer-se em monumento de gloria em todas as crises da França, que eu considero uma victima deploravel dos interesses britannicos, n'esta guerra, mas que admiro como uma bella florescencia do espirito latino, como a *aduaná* do espirito humano, na phrase lapidar de Mella.

Devo comtudo, dizer que hoje, na França, a *Marselheza* é mais alguma coisa que o grito de raiva heroica e sublime que faz crisar contra o inimigo os *bras vengeurs*. A *Marselheza* não é apenas o protesto da independencia franceza contra a invasão do territorio: é o protesto... contra a terceira republica. A gloria que ella evoca não pertence ao regimen que tem no *Kiel er Tanger* de Maurras um sudario de culpas e erros espantosos, não cabe aos homens que em nome da republica se negavam a approvar a lei dos trez annos, que no congresso de Pau prégeram como axioma o internacionalismo pacifista e o

anti-militarismo, que fomentáram a desunião nacional com as delações politicas e com a perseguição religiosa, que se enodoáram no charco do panamismo, que entraram nas franquibernas financeiras de Rochette e dos caminhos de ferro d'oeste; não pertence aos mações que monopolisaram o regime para salvar o traidor Dreyfus e subjeitar a nação á humilhação de Fashoda, que agora negam asylo aos belgas catholicos e teimosamente occultam nos communicados da guerra a figura de Castelnau, o defensor de Nancy, que foi, mais do que o proprio Joffre e Galliéni, o vencedor do Marne, e só porque é um crente!

A gloria da *Marselheza* pertence á França de que o regime se divorciou mais uma vez, á França a quem Viviani queria apagar as estréllas do ceo, á França que reza, que

lucta, que morre bravamente, que supprime com o seu estupendo sacrificio as deficiencias d'uma criminosa imprevidencia governativa de 30 annos, entre as quaes a diminuição da natalidade causada directamente pela moral (?) depravada que o laicismo espalhou, figura em primeira linha!

A *Marselheza* é, hoje, o protesto contra a terceira republica; a sua gloria não é do regime, mas da França de S. Luiz e de Joanna d'Arc, não vem de Fashoda, vem de Austerlitz!

... Este equivoco, porém, não se desfez ainda em muitos paizes, e na maior parte da propria nação franceza, eu receio muito que uma victoria improvavel o não desfaça. Com effeito, em quasi todas as nações, pelo menos n'aquellas em que a ideia revolucionaria da democracia fez progressos ou domina, a *Marselheza* não tem a significação que actualmente lhe dá, em pleno sacrificio, em pleno martyrio, a pura alma franceza. A *Marselheza* é ainda e infelizmente, considerada não como o cantico de um povo, mas como o de todos os povos, não como um hymno patriótico, mas como um hymno de libertação revolucionaria internacional ou internacionalista; quer dizer a *Marselheza* é apenas o hymno da Revolução Franceza e como a esta se deve inconfestavelmente, pelo liberalismo, a quebra de todas as tradições religiosas e politicas que constituem o cunho patriótico de um povo, a *Marselheza* é ouvida como um brado de revolta e mais ainda de desordem anti-nacional.

Quem a enfôa entre nós? Não são mesmo os republicanos *soi-disant* da direita. São os republicanos radicaes e com elles todos os partidarios da desordem, desde o syndicalismo ao anarchismo. A *Marselheza* tornou-se assim o hymno de *um partido* e precisamente, logicamente, do partido que mais combate as tradições do paiz e o seu modo de sêr proprio.

Que muito que ha poucos dias em Lisboa a exaltação arpoçada de *meneurs* ignorantes comparasse a tomada da Bastilha, (origem do *Terror* e dos *massacres de setembro*) ao 14 de maio que foi essencialmente a subverção de um governo tolerante e liberal que procurava fazer viver a Republica sem attrictos nem perseguições, sem violentar o sentimento e a opinião tradicionalistas da patria?! Que muito que entoando a *Marselheza*, o hymno da libertação internacional, na propria legação franceza, perante o representante da 3.<sup>a</sup> republica franceza, um cidadão *francez* insultasse vergonhosamente a opinião conservadora *portugueza*, que é a da maioria do paiz?!...

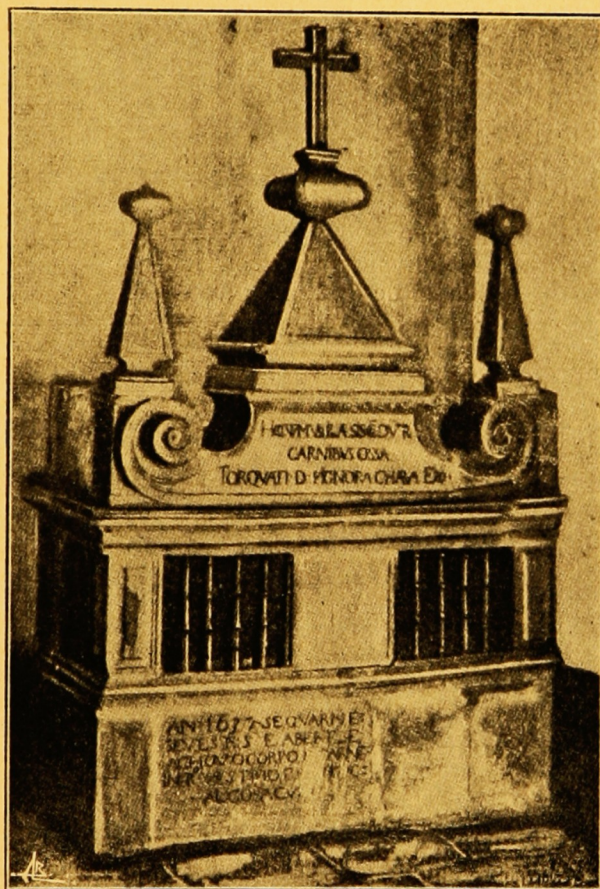
E' a consequencia logica da liberdade revolucionaria, que é o peor dos despotismos. Quem sabe até se é em seu nome que se affixam *placards* com os boletins medicos sobre o estado do sr. dr. Affonso Costa, cujas melhoras desejamos, mas a quem o *Mundo* chamou a "encarnação divina da alma da Patria,?...".

F. V.

# VIDA INTENSA

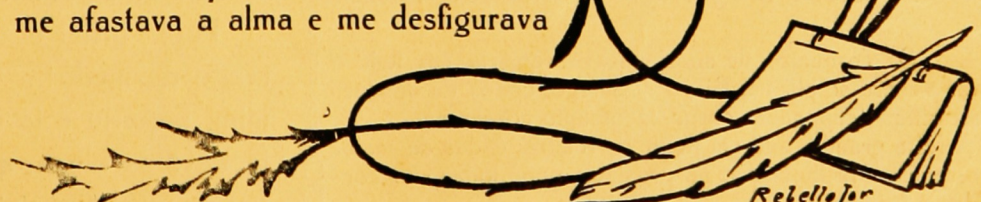
## Remechendo uma alma:

**D**ARLING: o meu noviciado foi triste, chorei, soffri muito... Do convento, levaram-me ao hospital. Era a ultima prova!... A mais dura? não sei... Eu levava o coração habituado a soffrer, o orgulho espezinhado, a vaidade rendida... Nos primeiros mezes,—nem tu calculas?—o que me custou, ver-me só, esquecida, sem um amigo, sem uma pessoa conhecida... Só! Eu a doudivanas frivola, habituada ao mundo, ao ruído das festas, á barafunda das ruas, á alegria da minha casa, onde a pequenada chalhava alegre, com as minhas illusões, os meus dezoito annos caprichosos fechados entre as paredes humidas d'aquelle casa rão sombrio... Eu, só, sem meus paes, sem uma pessoa amiga, passeando as minhas recordações e a minha dôr, n'aquelles corredores extranhos, sem luz, longe de tudo e de todos, com a sinistra muralha da cerca a separar-me do mundo, que tanto amei, o mundo que eu sentia perto e me enviava ainda, n'um estertor longinquo, um fremito de vida e de prazer... Eu, a flirteuse acostumada ao galanteio, caprichosa, adorando o conforto, o luxo com a minha belleza a estremecer, mundana ainda, dentro do meu habito, a minha cara



GUIMARÃES— Antigo tumulo de S. Torquato enquadra por uma touca, os meus pés macios a ferirem-se na dureza das sandalias!...

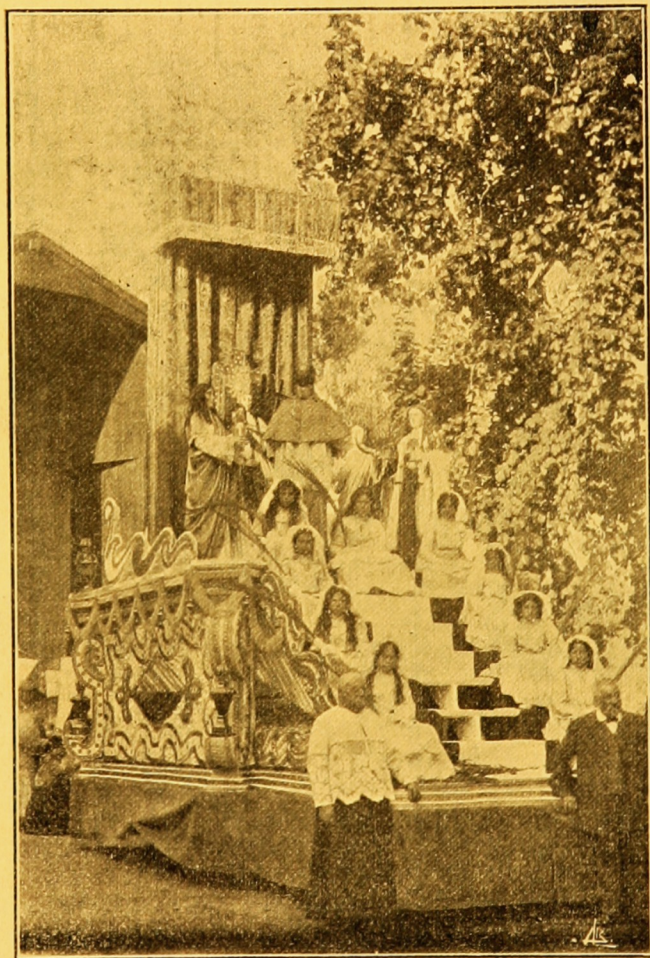
Quantas vezes desesperei!! Quantas e quantas noites, sentindo ao longe a cidade adormecida, a minha carne estremeceu, batida do ar provocante do mundo, que a minha recordação trazia pela janella. Então desanimava, desvairava mesmo. Zumbia-me nos ouvidos o embalo d'uma valsa, o murmúrio confuso de um galanteio, e, como n'um sonho, eu, a noiva do senhor, sentia os nervos vibrarem, os seios baterem como duas rolas inquietas da liberdade, de encontro ao collete d'aço, que me afastava a alma e me desfigurava



o corpo... Sentia rodopiarem as illusões e via-me outra vez livre, feliz no canto amigo da minha casa, á hora alegre da conversa, distrahida, tirando do piano harmonias de Schuman coqueteando com os rapazes, até que do lado vinham quebrar-me o sonho as queixas de uma noviça doente, morrendo aos poucos, n'uma tosse aguda e soffocada!... Então querida, eu corava de vergonha e cahia de joelhos a resar, a chorar, pedindo a Deus coragem, força, para vencer! o que eu soffri!...

Um dia entregaram-me uma enfermaria.

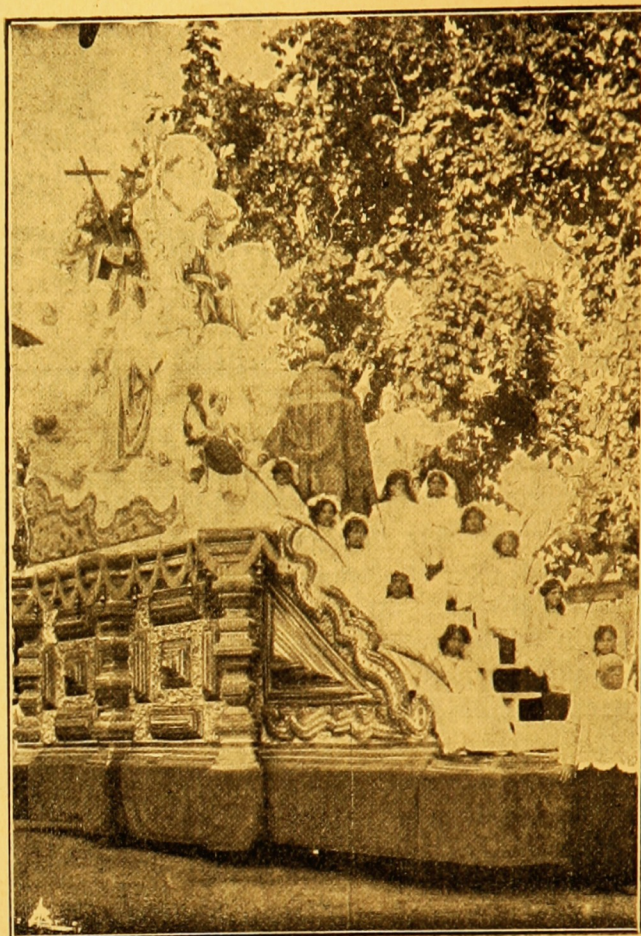
Que horror!... Que amalgama de miserias, de paixões—dôres que se decompõem, alegrias que morrem; chagas, miserias, o cortejo macabro do sinistro, do grotesco e do tragico, a descansar n'aquellas camas alinhadas, hirtas, como arvores no outomno, gente de todas as especies, dôres de todas as almas revoltas, promiscuas! Vagabundas, chaguentas, que foram ricas, velhas miserandas a estremeecerem aneadas, criminosas a agonisarem n'uma praga, figu-



GUIMARÃES—Romaria de S. Torquato  
Um dos carros allegoricos da vida do Santo

E' o S. Torquato, de mais celebre romaria em todo o Minho. Venera-se alli um Bispo de Braga, coevo da dominação mauritana, cujo santo corpo incorrupto conservam.

A festa grande, que em julho se realiza é das de maior concorrência e brilhantismo na provincia onde todas são corridas e brilhantes.



S. Torquato—Outro carro allegorico da procissão

ras de lenda a morrerem n'uma oração, gritos, blasphemias, orações, gemidos! Eu tinha que remechar n'aquillo tudo, cuidar de todas ellas, ter um carinho para cada uma, palavras balsamisadoras para todas. o riso sempre desprendido a cobrir a minha repugnancia, a minha repulsão!...

Uma noite fiz a primeira ronda... Nem quero lembrar-me! Corri tudo, atravessei o pateo mal alumiado, estremeendo de medo ao menor ruido, aos vôos dos morcegos, passei pelos corredores, subi, descii... andei, gelada de pavor. Na enfermaria, mal alumiada, bailavam sombras phantasmisadas ao luar frio de março que entrava pelas janellas entreabertas. Comecei a visita: umas choravam, outras dormiam, de repente parei horrorisada... N'uma das camas uma velha que entrara de tarde estava morta— a bocca aberta, os olhos abertos, vi-treos, as mãos enclavinadas sobre o peito, presa, á camisa affastada na derradeira ancia do ar que se sumiu.

Fugi, gritei e escondi-me a um canto, fir-tando de medo!... Outra irmã veio até junto de mim, inquiriu e lá se foi sorrindo... Vi que lhe fechava os olhos, que lhe tapava a cara, masti-gando um latim sinistro, rindo-se do meu susto...

Chamou-me, insistiu e, receosa, foi até ella. Ria ainda mas logo me affirmou, despreoccupada, bondosa, que era natural, que sentira o mesmo, mas que tinha que habituar-me, Deus me daria força, era para me experimentar... Verá... Foi para junto da morta, venha—disse— vamos rezar por ella... Ajoelhei perto da cama, tremula, apavorada... Que horror! A outra irmã procurava cruzar-lhe os braços sobre o peito, arranca-la áquella postura de soffredora revoltada... Com difficuldade desprendeu um braço e por acaso, nem sei, não quero lembrar-me, o outro veio bamboleante poisar-me no hombro, penetrar-me d'esse frio mortal... gritei... cahi desmaiada.

No dia seguinte a superiora endurecida e grave disse-me palavras severas mas consoladoras. As outras irmãs e noviças riram-se de mim, encheram-me de chufas. O que eu soffri n'esses longos mezes!!...

Depois habituei-me, suffoquei os sentidos, endureci-me e como as outras, já me não custava. Era quasi com alegria que eu fazia a sinistra ronda feliz, orgulhosa de me ter dominado, de me ter vencido... Era digna de ser noiva do Senhor.

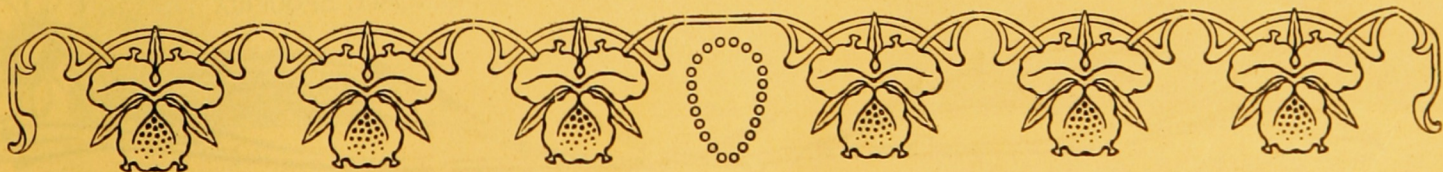
Hoje sou feliz... hei-de escrever-te mais...

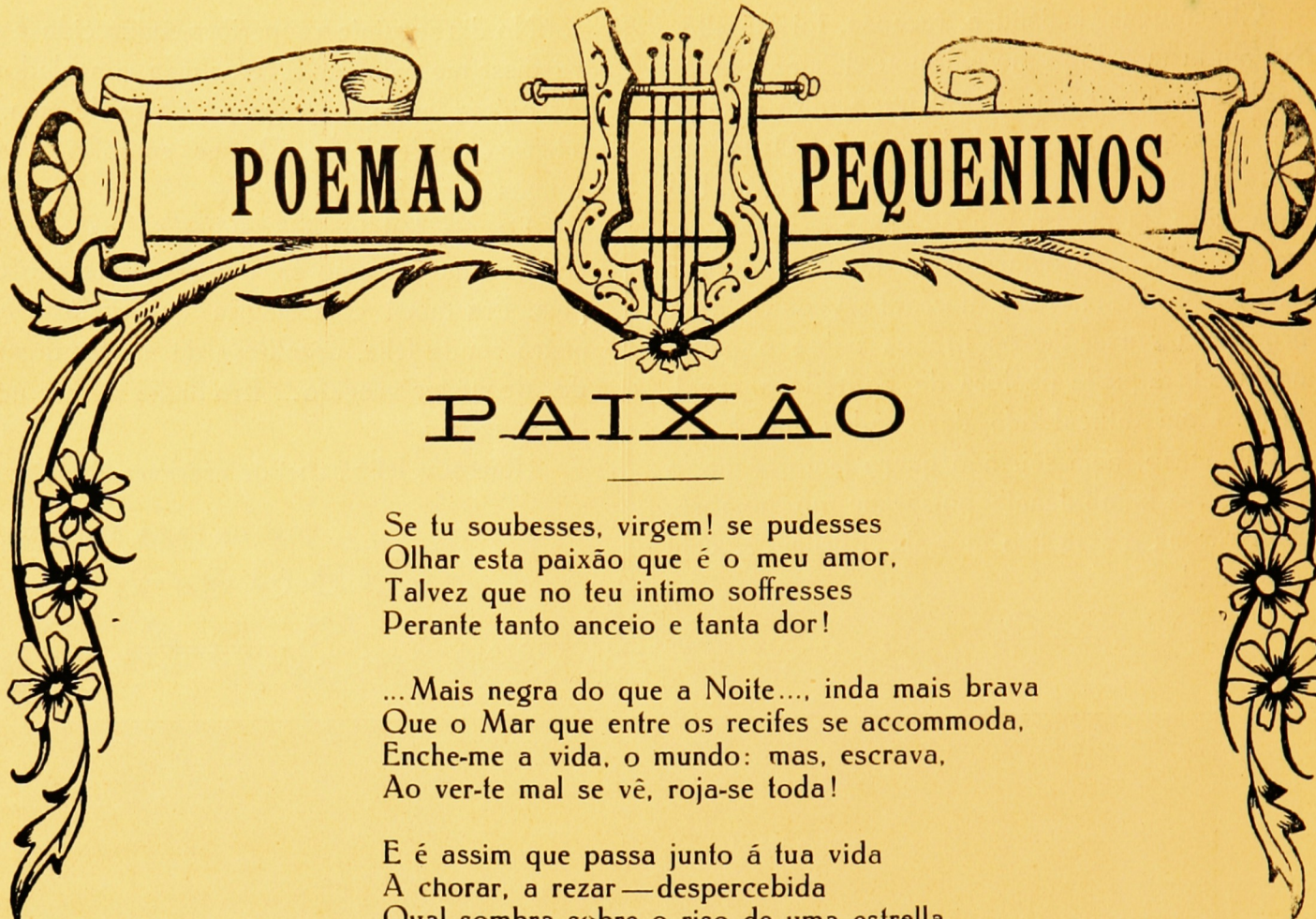
JOSÉ DE FARIA MACHADO.



BRAGA—Direcção e Redacção da "Illustração Catholica", no Bom Jesus do Monte depois do jantar em commemoração do 2.º anniversario d'esta interessante revista

Como já no passado anno se tinha feito realisou-se no Bom Jesus do Monte, sob a frondosa cupula do arvoredor uma festa íntima, na qual reinou a mais franca alegria, bom humor e espirito. O grupo foi tirado essa tarde como recordação do 2.º anno de trabalhos, e animo não falta para que se repitam por muitos indo sempre em progresso litterario e artistico.





POEMAS

PEQUENINOS

## PAIXÃO

Se tu soubesses, virgem! se pudesses  
Olhar esta paixão que é o meu amor,  
Talvez que no teu intimo soffresses  
Perante tanto aneio e tanta dor!

...Mais negra do que a Noite..., inda mais brava  
Que o Mar que entre os recifes se accomoda,  
Enche-me a vida, o mundo: mas, escrava,  
Ao ver-te mal se vê, roja-se toda!

E é assim que passa junto á tua vida  
A chorar, a rezar —despercebida  
Qual sombra sobre o riso de uma estrella...

—Num soneto se amostra, agora, a triste;  
E tu, que em meu olhar terno a não viste,  
Vê se em escuros versos podes lel-a!

Paredes de Coura

TEIXEIRA PINTO

## UMA OLIVEIRA

No pateo da minha casa,  
Levanta-se uma oliveira,  
Que nos dá sombra fagueira,  
Quando o sol mais nos abrasa.

Naquelles ramos, muita aza  
Perpassa, leve e ligeira;  
Quanta geração inteira  
Nella se cria e se casa...

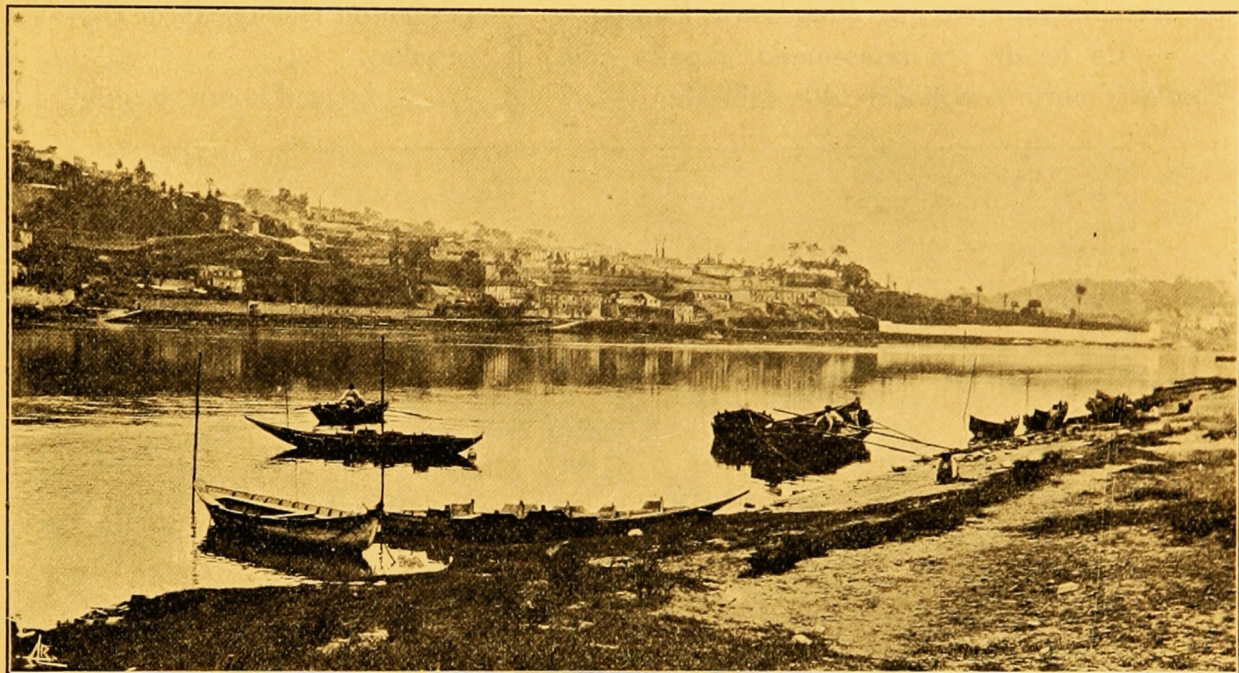
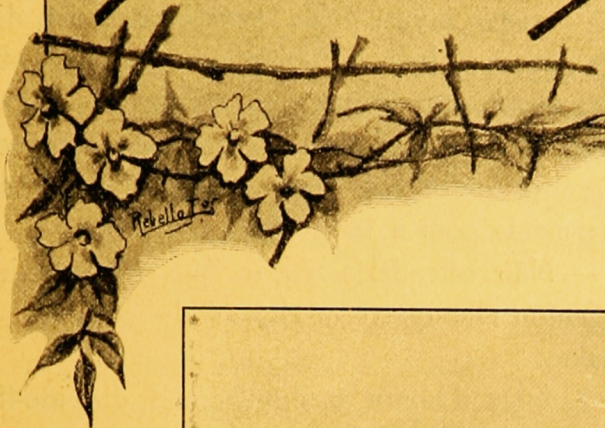
Amo a esta arvore velhinha,  
Onde muita ave se aninha  
E aprendeu a gorgear:

E a cuja sombra hei brincado,  
Lido muito e conversado,  
Em noutes de bom luar.

FRANCISCO SEQUEIRA

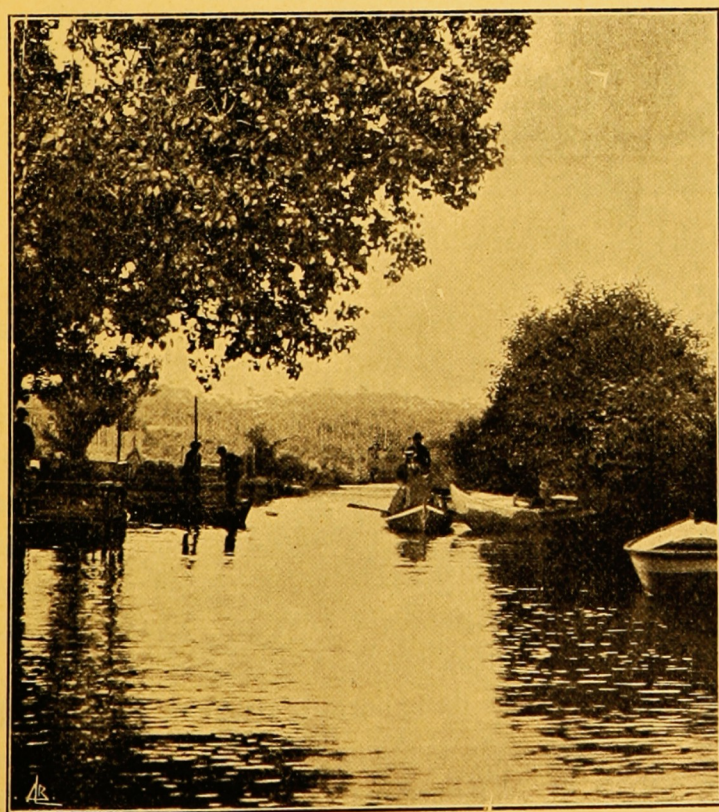


# Bellezas de Portugal



PORTO—Margens do Douro

(Clichés de Rebello Junior)



Rio Leça



Efeitos do sol sobre o Douro

# A imperatriz errante



**E**

uma historia cheia de tristeza a da imperatriz Isabel d'Austria, covardemente assassinada em Genova por um anarchista, historia que é ainda a mais negra das sombras que cobrem e envolvem o palacio imperial de Vienna, onde Francisco José deve ter a estas horas tragicas, espantosamente tragicas do mundo, horriveis visões de sangue.

A figura de Isabel d'Austria pertence, pois, ao scenario da crise que atravessa a Europa.

— Eu hei-de ser assassinada, repetia ella, com a sombria resignação dos fatalistas.

Munich, honro a cerveja da Baviera com a minha visita.

Os medicos aconselharam-lhe as aguas de Nauheim. «Lá encontramos tudo o que não era do gosto da imperatriz, escreveu a condessa Starztay: um grande calor, muito pó, um publico curioso e um medico severo.»

Passeava muito pelos arredores. N'um dos seus passeios, teve por guia uma rapariguinha cuja conversação muito a distrahiu. No dia seguinte, mandou-lhe um lindo presente. Quando a creança soube que tinha conversado tão familiarmente com a imperatriz, perturbou-se.

— Não offenderia eu a Sua Magestade? perguntou ella quasi a chorar de comoção e orgulho,

A dama d'honor tranquillizou-a dizendo-lhe



POVOA DE VARZIM—O «Orpheon Povoense»

E no entanto parecia desafiar o destino, escapando quasi sempre á vigilancia cauta da policia, aventurando-se, nas suas viagens de espirito inquieto, apenas acompanhada por uma das suas damas, pelos mais desertos caminhos.

Em Paris, quiz um dia vêr Notre-Dame ao luar e voltou a pé para o hotel, pelo caes, n'uma noite d'inverno.

Em Munich, onde toda a gente a conhecia, pois era bavara, entrava, com o maior desdem pelas etiquetas da côrte, em qualquer *brasserie* e pedia cerveja dizendo; — Nem por isso gosto d'esta bebida, mas de cada vez que venho a

que nada mais agradavel fôra á imperatriz do que o não ter sido reconhecida.

Isabel teve de receber muitas visitas principescas, entre outras as do imperador e da imperatriz da Allemanha. Quando agradecia ao soberano o seu brinde á Hungria, este disse-lhe:

—Trouxe commigo um cocheiro e cavallos húngaros para que elles se sintam contentes á vista da sua rainha.

Antes da imperatriz partir de Nauheim, Francisco José mandou-lhe o seu medico privativo, o dr. Wiederhofer, para se certificar das melhores da saude d'ella.

Em pequenas jornadas, porque as viagens de caminhos de ferro a fatigavam muito, foi para a Suissa.

Caux seria o centro das suas excursões do fim do verão.

—Vou melhor, repetia ella; para o anno que vem, recommencaremos as nossas grandes viagens.

Evian, Perriet, Bex, os rochedos de Nay viram successivamente a imperatriz. Parecia um d'esses bellos cysnes pretos que, de collo ondeante, deslizam sobre as aguas argenteas do Léman. D'aqui partiu para Genova, afim de visitar o castello de Prégny.

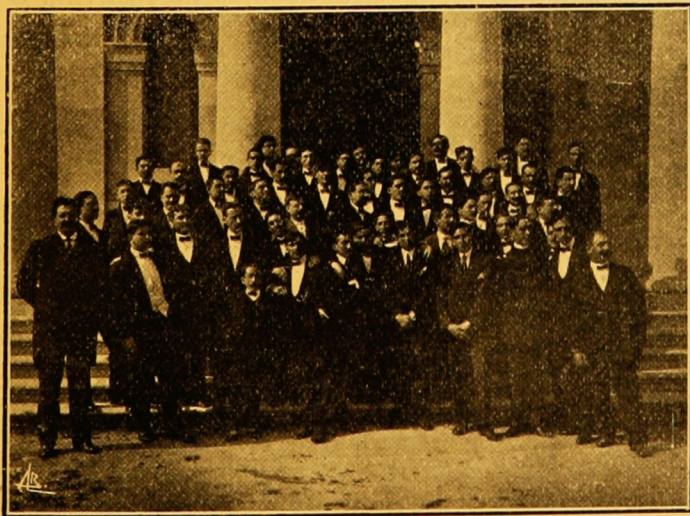
Genova era então um viveiro de anarchistas e o general Berzevisé, cavalleiro d'honra da imperatriz, supplicou-lhe que desistisse d'esta viagem. Mas Isabel nunca modificava um itinerario depois de o ter traçado definitivamente.



*Padre Jeronymo da Costa,  
chefe de naipe dos 1.<sup>os</sup> tenores*

Sorriu dos receios do seu dedicado servo, dizendo:

—Em que é que Genova me poderá prejudicar?



*Grupo de orpheonistas que no dia 27 de junho cumprimentaram o seu illustre regente Dr. Josué Trocado pelo seu anniversario natalicio*



*Um grupo de orpheonistas*

Em vão, a condessa Starzlay instou, renovando o pedido do general.

—Vejo, disse a imperatriz, que elle teme pela minha vida, de cuja segurança tem uma pesada responsabilidade; diga-lhe, para o socegar, que levarei commigo o secretario, se bem que de nada me servirá.

Todavia, Isabel era muitas vezes perseguida pela certeza de que morreria assassinada.

Na sua ultima estada em Caux, viu da varanda uma mulher d'alta estatura, vestida de branco, que a fitava fixamente. A expressão d'este olhar devia ser terrivel. porque a imperatriz voltou para dentro e mandou affastar d'alli a mulher. Todos se precipitaram para o parque, mas signaes da tal mulher vestida de branco é que não se encontraram.



*Virgilio Marques,  
chefe de naipe dos baixos*

A imperatriz ficou um pouco impressionada com este incidente.

E' que uma antiquissima lenda, de muito credito na Austria, faz apparecer uma mulher vestida de branco, sempre que alguma desgraça ameaça a familia imperial. Garantia-se que



*Herminio Coimbra,  
chefe de naipe dos baritonos*

a mulher vestida de branco fôra vista já em Schoenbrun em 1867 e em 1889, pouco tempo antes das tragedias de Queretaro e Meyerling.

E a imperatriz como que advinhara já n'aquella tarde, no olhar terrivel da mulher fatidica, o torvo olhar de Lucheni, o assassino brutal da melancholica belleza que n'esse tempo cingia a corôa dos Habsburgos... (1)

(1) A maior parte d'estas notas pertencem ao livro *Isabel da Baviera*, de Jacques de la Faye.

RUY.



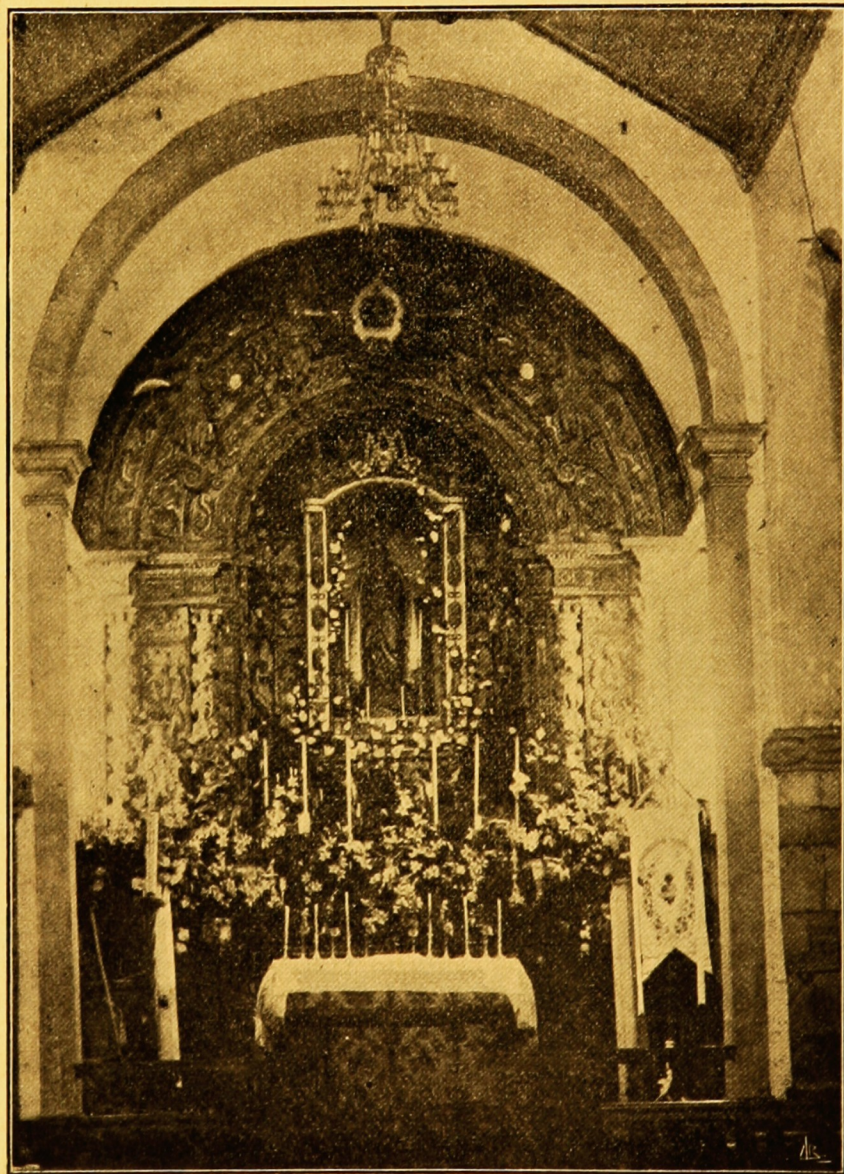
*Fernando Almeida,  
soprano do «Orpheon Povoense»*

## Roma e os carbonarios

II

∞∞

**Pio IX e a amnistia. — Os manejos dos carbonarios. — Viva Pio IX! Abaixo o Papa! — Tudo ou nada.**



*MONCHIQUE (Algarve)—Capella-mór da egreja parochial*

**J**

JOÃO Maria Mastai nasceu em 13 de maio de 1792, foi nomeado cardeal em 1840 e proclamado Papa em 16 de junho de 1846. Esperava-se que o eleito fosse o cardeal Gizzi, e a exaltação de Pio IX não sendo do agrado das associações secretas foi recebida com fracas manifestações de regozijo.

Mas, pouco a pouco, se foi desanuviando a frente dos carbonarios, as lisonjas incensavam o novo pontifice, um plano intelligente e audacioso estava sendo posto em execução pelos mazzinistas. Pio IX reconhecia que era necessario progredir, que a velha cidade se immobilisara e convinha que a rainha das artes não se divorciasse das sciencias, mas fosse a par de todas.

Porém, as sociedades dos carbonarios, audaciosas e radicaes, haviam de comprometter estas generosas iniciativas e por longo tempo perturbar a paz publica. Ellas não cuidavam do bem publico senão dos interesses pessoaes. Come

çaram de pedir a amnistia para os crimes políticos, solicitações a que Pio IX acquiesceu dando a liberdade a quinhentos exilados em 16 de julho de 1846. Uma condição lhes foi imposta: *Não conspirarem mais contra o governo pontificio.* A vivacidade meridional exaltou-se até o delirio, a multidão puxou á carruagem do Papa nas ruas de Roma e gritava em còro: *E' formoso como a esperança, forte como o leão, manso como o cordeiro, justo como Deus!*

No coração dos espiritos intelligentes o gesto do Papa foi recebido como perdão a grandes erros e crimes, no seio das associações secretas entendeu-se como capitulação e fraqueza. Mandava a boa tactica crescer nas exigencias e conseguir mais actos de generosidade que tambem o seriam de fraqueza, adulando Pio IX, cobrindo-o de flores, rodeando-o de freneticas aclamações. Os que faziam do Papa um idolo só o queriam para victima. As violencias que despovularisam, ou as concessões que enfraquecem! Tal era a base da politica dos carbonarios.

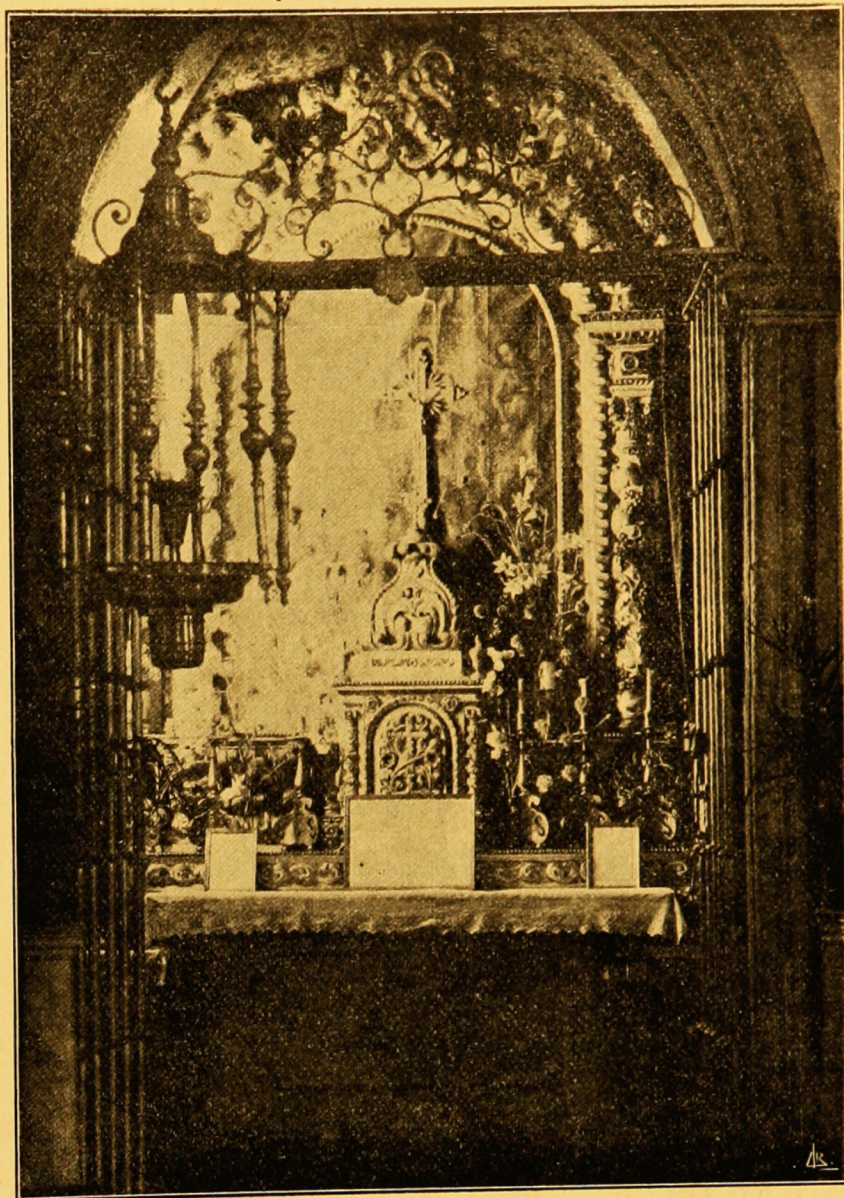
O governo pontificio cedo percebeu o proposito dos agitadores e deliberou balisar-lhes os enthusiasmos; mas ás primeiras ordens de cessarem os festejos e as manifestações a multidão irou-se, enfureceu-se, acusando o governo de insultar o Papa prohibindo que se lhe tributassem grandes homenagens. Mas a exaltação subiu de ponto com a chegada dos emigrados. Nas praças publicas queimaram-se retratos de Gregorio XVI e glorificava-se Pio IX, foram apedrejadas as casas que não puzeram luminarias, a multidão ao tempo que insultava as auctoridades exigia do governo que as tropas confraternizassem com o povo. Pretendia-se a indisciplina militar para mais facilmente se fazer a revolução.

Havia o cuidado de separar o pontifice do homem. Gritava-se:

— Viva Pio IX!

E nunca se victoriava o Papa.

Mas a onda revolucionaria ia-se avoluman-



MONCHIQUE—(Algarve). Capella do SS. Sacramento da egreja parochial

do, incitou-se a multidão contra o alto clero e já se dizia:

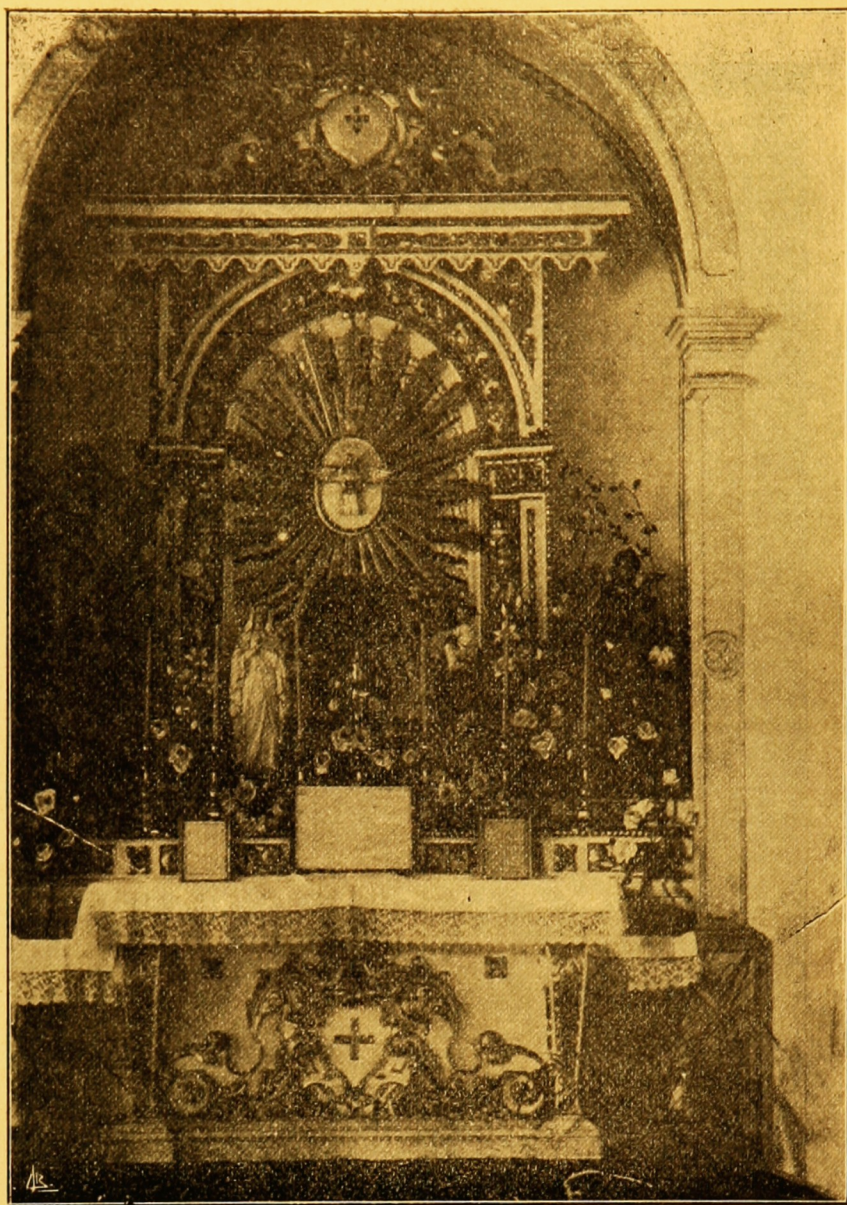
— Viva Pio IX! Abaixo o Papa!

Os agitadores, querendo fazer a união de todos os reinos de Italia, escolhiam Pio IX... para presidente da republica!

O Papa, reconhecendo o perigo, trabalhou no sentido de conjura-lo. Os emigrados esqueceram o juramento de não mais conspirarem contra o Papa, e, servindo-se dos clubs inculcavam-se os verdadeiros representantes do povo. O embaixador de França, Rossi, impellia Pio IX para o terreno das concessões, e Thiers dizia-lhe da tribuna da camara dos deputados:

— Coragem, Santo Padre!

O novo Papa estava, em verdade, rodeado dos mais graves perigos. Exigiam-lhe demasiado, e as meias concessões sómente traziam o



MONCHIQUE—(Algarve). Capella do Divino Espirito Santo

descontentamento. Ou conceder tudo, ou nada! Seria o melhor.

Outro foi o caminho trilhado, e veremos as desastrosas consequências.

A.

## Fastos do Catholicismo

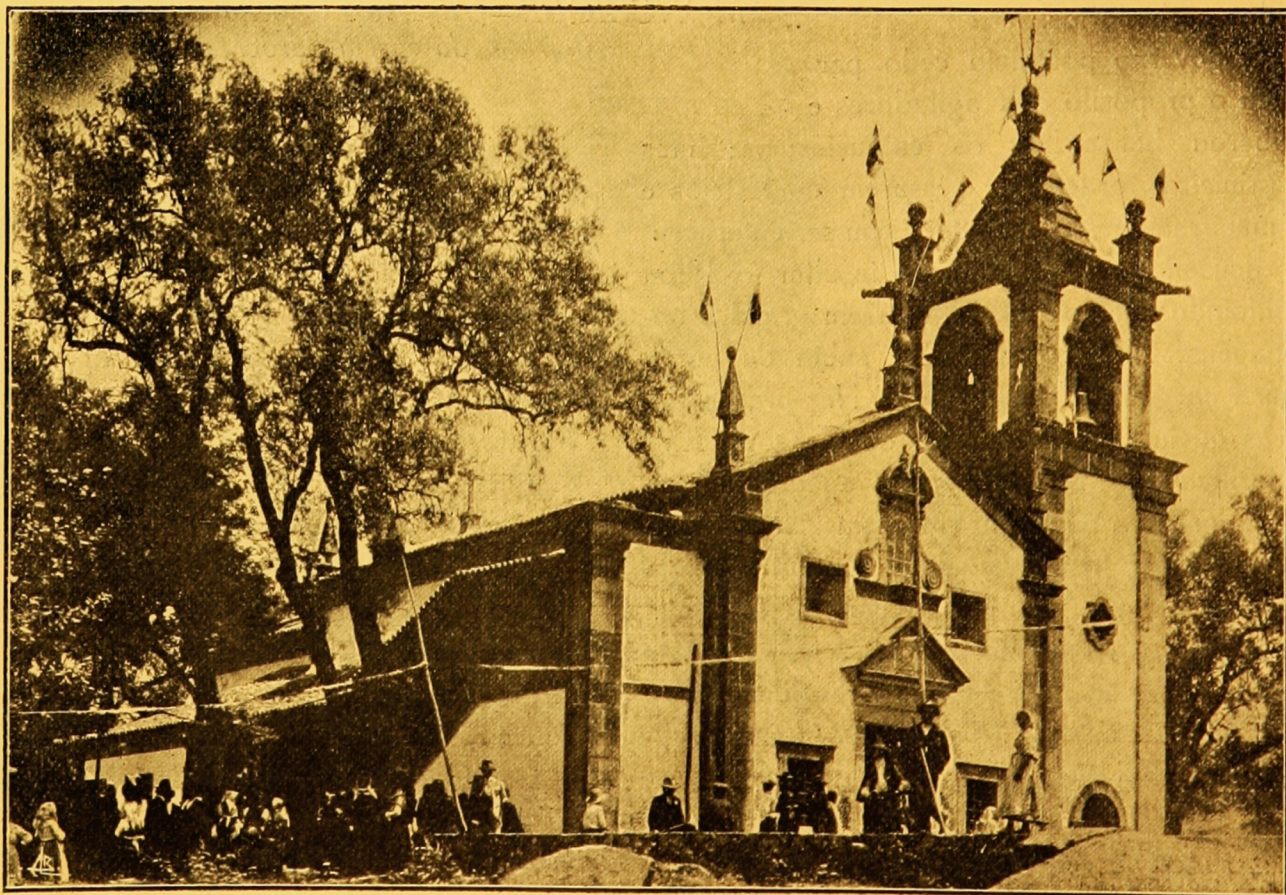
As juventudes catholicas

Os periodicos liberaes da Italia e da França tem ultimamente lançado affrontosas calumnias a S. Santidade e ao clero italiano. D'este, essa imprensa maçonica affirmou com inaudito despudor que era traidor á Italia e vendido ao imperio austriaco.

As Juventudes Catholicas italianas tomaram a peito a defeza do seu clero, e como um jornal impio calumniasse nomeadamente uns sacerdotes, processaram esse jornal, sendo d'esta forma brilhante a refutação da calumnia.

Restauração dos templos belgas

Sob o patronato do Cardeal Mercier e dos Bispos belgas, creou-



Egreja de S. Bento de Donim—Festa de S. Bento

se uma Liga internacional para a restauração das igrejas arruinadas na Belgica. E' seu fim reunir fundos para crear capellas provisórias nas povoações privadas hoje do culto. O Centro da obra está em Paris sob a presidencia da duqueza de Vendôme e da condessa Merode.

Outra commissão se constituiu em Bruxellas. O Santo Padre, que abençoou uma tão formosa obra e enviou para ella 10:000 francos.

#### Saudação ao Papa

A imprensa catholica hespanhola dedicou ha dias um numero especial de saudação a S.



que a lei assim o exigia e que elle teria que cumprir a lei. Bem haja a digna auctoridade. Que os fabricantes de *films* façam ou não pelliculas isso nada importa, deante dos supremos interesses da moral, que nada lucra com espectaculos immo-raes. truculentos ou suggestivos até ao desarranjo nervoso. Se em Portugal se imitassem essas leis!...

R. C.

#### S. BENTO DE DONIM

1—Procissão. O carro das virgens.

2—A imagem de S. Bento.

3—O SS. sob o Palio.

Santidade que juntos todos [elles formam um bellissimo album.

Todos os seiscentos periodicos catholicos de Hespanha consagraram a S. Santidade as mais expressivas palavras de amor e filial dedicação, como é timbre da nação catholica por excellencia,

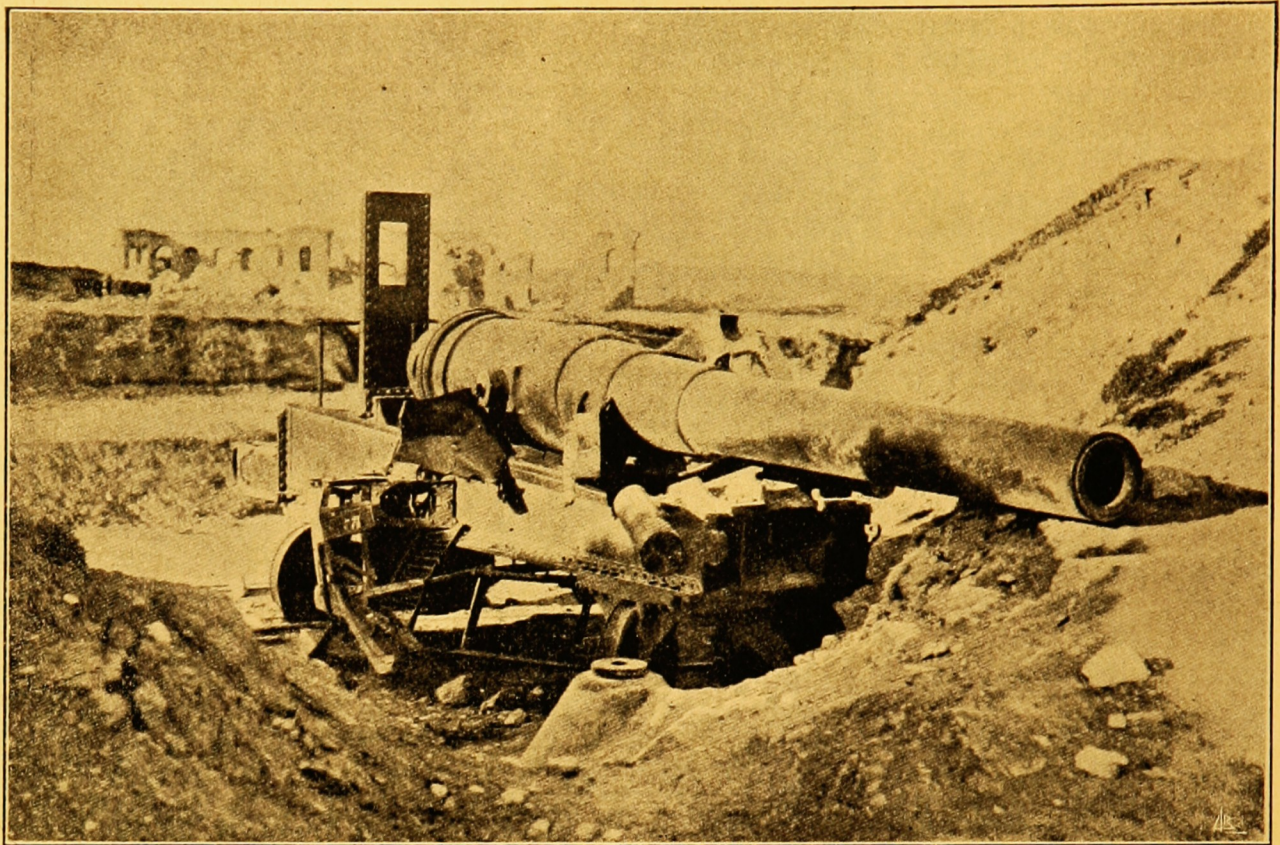
Os "films,, em Barcelona

As empresas de cynemato-grapho communicaram ao governador civil de Barcelona que, se a censura continuava sendo tão rigorosa como até aqui, se verão na necessidade de não produzir mais fitas.

O governador respondeu



# A Guerra Europeia



*Forte turco demolido pelo superdreadnought «Queen Elizabeth» no cabo Heller, entrada dos Dardanellos*

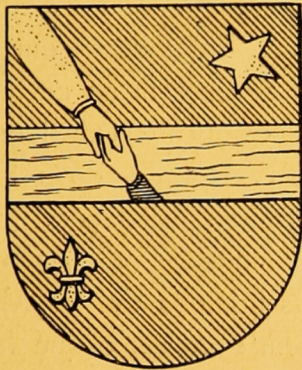


*O General Cousin condecorando os soldados feridos na frente de batalha, cuja cerimonia se celebrou na explanada dos Invalidos*

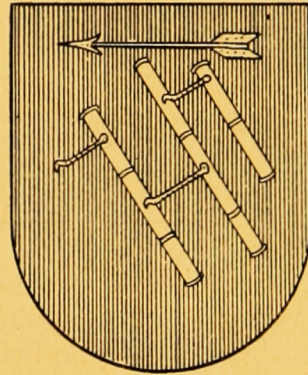


# ARMARIA PORTUGUEZA

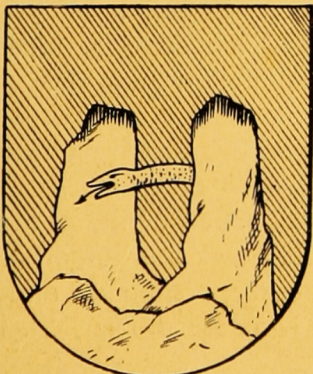
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



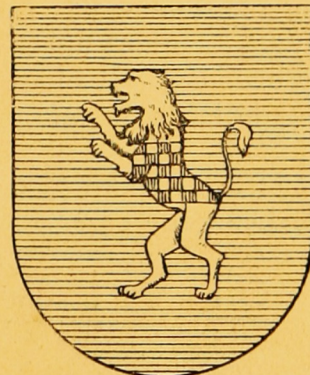
**Camelos.**—Em verde uma ribeira de prata em faxa entre uma estrella e uma flôr de liz de ouro com contrabanda; da parte direita um braço vestido de brocado tirando da ribeira outro braço vestido de azul. Timbre: o braço de brocado com a estrella das armas que lhe sae por entre os dedos.



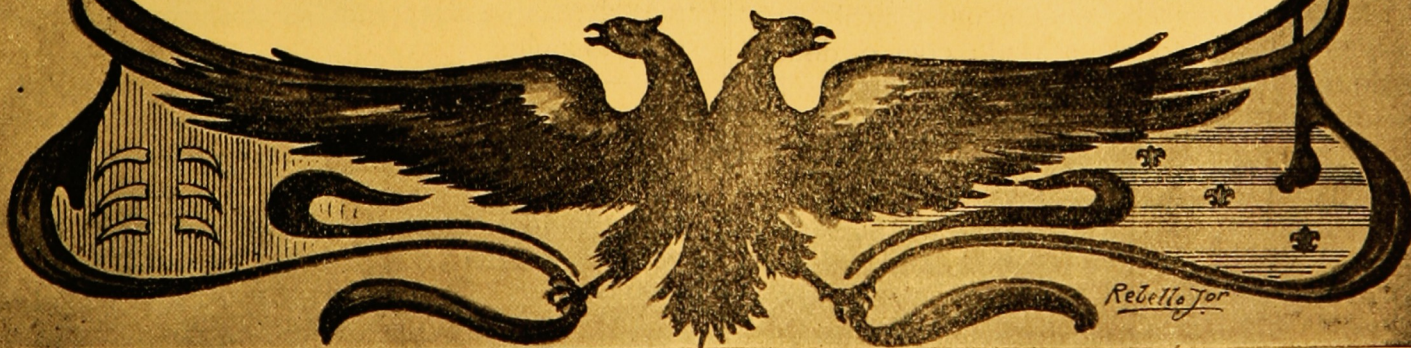
**Caminhas.**—Em vermelho tres troncos de prata com aldravas de ouro postas em banda, e uma setta de ouro em chefe. Timbre: um braço vestido de azul com uma aldrava na mão.



**Camões.**—Em campo verde, um pescoço de serpe de ouro, saindo d'entre duas rochas de prata, troncadas de vermelho. Timbre: o mesmo pescoço de serpe.



**Carcomes**—Em azul um leão rompente enchequulado de vermelho e prata com cabeça mãos, e pés do mesmo. Timbre: o leão das armas.



# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### O mar de Cambaya

**E**STANDO Vasco da Gama com uma armada em calmaria no golpho de Cambaya, um violento tremor de terra encapellou as ondas, ameaçou afundar os navios e assustou grandemente os marinheiros. Gama fallou impassivel e sereno:

— Que é isso, portuguezes, tendes medo?! Não vos assusteis, porque isto é o mar de Cambaya que treme com a vossa vinda.

### Esta canalha . . .

No cerco de Diu, sustentado com heroica tenacidade e grande valentia por Antonio da Silveira, foi ferido na cabeça o soldado Fernão Penteado. Correu ao cirurgião, mas como este estivesse com outros doentes e se ouvisse toques de rebate, Penteado voltou veloz ás primeiras linhas dando em mouros como em ceiteo verde.

Mais ferido ainda, tornou ao cirurgião, que encontrou afadigado em remediar males maiores. Enquanto esperava resoaram afflictivos toques de rebate, a que acudiu vociferando:

— Esta canalha não dá lugar á gente para se curar!

E só depois de completa derrota dos mouros o bravo soldado de Diu pôde curar-se.

### O burro e a sombra

Demosthenes falava ao povo n'uma praça de Athenas sobre a defeza e sã administração da republica, mas como o não ouvissem com a precisa attenção, mudou de rumo.

— Ora, senhores, ouvi este caso que tem graça. Certo mancebo alugou um jumento de Athenas para Magará, e vindo com o dono apertou-os tanto o calor na estrada que resolveram procurar sombra a que repousassem. Não a achando, o que tinha alugado o burro se valeu da sombra d'este, mas o dono negou-lhe essa regalia dizendo que alugara o jumento e não a sombra. Instava o outro que havia de lograr a sombra porque tinha alugado o burro.

Tendo dito isto, Demosthenes desceu da cadeira, porém pegou n'elle o povo pedindo-lhe que desse fim ao conto.

— *De asini*, continuou o philosopho, *umbra audire cupitis; de Republica disserentem fastiditis*: Sois muito entendidos, o ouvir falar da Republica enfastia-vos, a historia do asno agrada-vos.

E voltou-lhes as costas.

### Devem o que fazem

N'umas festas reaes que em tempo de D. João IV se fizeram na côrte, sahiram os fidalgos faustosamente entrajados. Este luzimento foi tanto do agrado do rei que publicamente mostrou a sua satisfação. Thomé Pinheiro da Veiga commentou:

— Os fidalgos de V. Magestade fazem o que devem e *devem* o que fazem.

### D. Diogo de Cordova

Felippe II projectando uma caçada recommendou, á noite, a D. Diogo de Cordova que o chamasse pelas tres horas da madrugada. Este, para não faltar ás ordens do rei dormiu, sentado n'uma cadeira, mas cahiu em somno tão profundo que não despertou quando devia. Accordou o rei e vestindo-se veio até á cadeira em que o aulico resonava. Felippe sacudindo D. Diogo de Cordova, gritou-lhe ao ouvido:

— Accorde V. Magestade que são tres horas.

D. Diogo esperguiçou-se e sem descerrar as palpebras acudiu ao motejo:

— Deixa-me dormir, D. Diogo, que ainda é cedo.

### Imortalidade da alma

A um tagarella que mortificava a paciencia de Socrates falando-lhe do que faziam as almas depois de desprendidas dos corpos, disse o philosopho:

— Amigo, eu nunca estive n'essa região, nem falei com pessoa que de lá viesse.

Agradavel é ao auzente saber o que se passa na sua terra— *Cicero*.

\*\*\*

A morte separa os irmãos, a auzencia perde os amigos.— *Ovidio*.